

A solid red vertical bar runs along the left edge of the page.

Lugar de conforto

Andrew estava se desgastando de sua vida atual. Claro, ele tinha um bom emprego e um lugar aconchegante para morar. Mas, como alguém que teve de se mudar para a cidade grande em busca de oportunidades, ele achava sua rotina incrivelmente maçante.

Todo dia ele acordava, trabalhava, voltava para casa, comia a mesma comida de sempre, descansava, e então o ciclo se repetia. Ele estava prestes a enlouquecer. Pensava que se acostumaria com a correria da cidade grande, mas mesmo depois de anos longe de sua pequena cidade natal, ele ainda sentia a falta da calma e tranquilidade daquele lugar. Ele sorria só de pensar nisso.

Sentia saudade de sua cidade, isso era inegável. Sentia falta de acordar com os pássaros cantando, ou mesmo da sensação de andar atoa por aí. Ele de fato havia alcançado seu objetivo na capital, e isso era sim motivo de orgulho. Mas ele sentia que precisava reencontrar a paz interior em si.

Foi com esse pensamento que Andrew decidiu pedir férias para seu chefe. Não foi difícil convencer o homem de que ele merecia aquelas férias; Andrew tinha resultados altíssimos apesar de tudo. Agora com a preocupação do trabalho fora de sua mente, ele decidiu que ia visitar sua antiga cidade natal, Springwoods. Comprou a passagem de avião já para o dia seguinte. Estava empolgado e não era pouco.

Ele arrumou sua mala e partiu para o aeroporto, já se sentindo mais leve por estar tirando um tempo para si mesmo. Quando ele embarcou no avião, ele estava terminando de resolver qualquer assunto pendente que poderia lhe incomodar durante suas tão merecidas férias.

Saindo do avião, ele já sentia a diferença na atmosfera do lugar. Era difícil explicar, mas certamente estava se sentindo mais leve ali. Talvez fosse a pressão da capital, ou pode ter sido apenas uma impressão dele. De qualquer forma, ele buscou por um carro que pudesse levá-lo para a estação de trem dali, já que ainda não estava em Springwoods.

Ele estava esperando na estação quando o trem passou, quase exatamente ao meio-dia. Quando entrou, ele pode, pela primeira vez em muito tempo, simplesmente relaxar. Era uma sensação que a tempos não desfrutava, mas isso não o impediria de aproveitar o momento. Ele se permitiu observar as lindas que passavam pela grande janela de vidro do trem. De campos de girassóis até um grande gado, ele apreciava tudo. Ele sentia uma sensação inexplicável; era a paz interior.

Ele se perguntou quando se perdeu daquele sentimento. Se perguntou quando exatamente ele tinha sido corrompido pelo cotidiano da cidade grande. Pensou mais um pouco nisso enquanto ainda aprecia a sensação recém-redescoberta.

Quando o trem apitou, ele sabia que aquela era sua hora de descer. Havia finalmente chegado em Springwoods. Ele pegou sua mala e se pôs a caminhar pelas ruas, em direção a casa de sua avó. Ele olhava os arredores durante a caminhada. Era incrível como absolutamente nada havia mudado desde sua partida.

Ainda haviam os mesmo estabelecimentos, com as mesmas pessoas que ele lembrou sempre estarem lá. Todos que passavam por ele o reconheciam e o cumprimentavam. Aquele era o jeito de sua cidade, e ele adorava isso.

O fato de não precisarem se preocupar com mudanças ou qualquer coisa do tipo era definitivamente uma das melhores qualidades daquele lugar. Infelizmente, estava totalmente fora de sua atual realidade.

Ele finalmente chegou na casa de sua avó: uma casa pequena de tijolos pintada de verde, com um grande quintal de barro. A nostalgia tomou conta de si, e ele não pôde deixar de sorrir. Ao se aproximar do portão, ele bateu palmas bem alto, não querendo denunciar sua visita. Afinal, sequer havia avisado ela de sua vinda.

Alguns instantes depois, sua mãe aparece na porta da casa, olhando para o portão e quase caindo ela percebe quem estava ali. Ela não tardou em pegar a chave e abrir o portão, dando o seu melhor abraço no amado filho.

— Há quanto tempo, Andrew. — ela diz baixo, sua voz meio turva, provavelmente era a vontade de chorar de alegria. — Você cresceu tanto, meu filho.

Ela desfaz o abraço e agarra gentilmente seu rosto, analisando as mudanças sofridas por Andrew. Ela tinha muito orgulho do homem que ele havia se tornado. Sem nem perceber, lágrimas de alegria surgem em seu rosto. Ver o filho ali depois de tanto tempo era uma sensação que ela descobriu ser a melhor possível.

— Você podia ter avisado que viria, — disse ela largando o rosto dele e se concentrando em secar as próprias lágrimas. — Eu teria feito algo específico em homenagem a sua chegada.

Ele sorri gentilmente para ela.

— Foi uma decisão muito repentina. Não daria tempo para a carta chegar aqui. — começou a se explicar. — Além disso, você não aceitou a minha ideia de te comprar um telefone. Isso seria tão mais prático.

Ela ri baixinho, terminando de secar as lágrimas e olhando para ele com um sorriso pequeno.

— Até eu descobrir como usar um treco daqueles, você já teria chegado.

Ele deu um suspiro dramático, sabendo da dificuldade da mãe com a tecnologia.

— Vamos entrar, está bem? — convidou ela.

Com um aceno de cabeça ele concordou. Seguiu sua mãe até dentro de casa, sentando-se na pequena mesa no canto da cozinha. Sua mãe lhe ofereceu café, que ele aceitou de bom grado.

— Como você tem passado, mãe? — ele perguntou cotidianamente.

— Sendo sincera, tem sido difícil desde que minha mãe se foi... — ela diz em tom neutro. — Mas nada que eu não consiga suportar. — ela deu um sorriso gentil para ele.

Ele de repente se viu pensativo. Ele tinha sido informado sobre a morte de sua avó, mas não pôde comparecer ao seu funeral por causa da agitação da vida na capital. Esse era sem dúvida seu maior arrependimento.

Desde criança, sua avó sempre fora sua melhor amiga. Eles tinham uma conexão inexplicável. Sua morte foi sim um tremendo baque para ele, mas sequer teve tempo para se lamentar. Afinal, a vida não para. Ainda sim, sentia falta dela.

Em silêncio, ele se levantou da mesa, e caminhou pela casa pequena. Ele passeava as mãos nas paredes. Sentia as lembranças o fazerem cócegas. Ele nasceu e cresceu naquela casa, e ainda se lembrava de cada detalhe.

Ele entrou no antigo quarto de sua avó. Estava exatamente como ele se lembrava, com exceção de uma foto em cima do pequeno armário ao lado da cama. Ele se aproximou e analisou a foto. Era ele criança abraçado com sua avó. Ele se lembrava de quando ela foi tirada. Sem perceber, ele agarro a foto e a analisou de mais perto, com um sorriso bobo no rosto.

Ele colocou a foto de volta no lugar e voltou para a cozinha, onde sua mãe cantarolava livremente.

— O que você está fazendo, mãe? — perguntou ele, curioso.

Ela se vira para ele, e ri baixo.

— Estou fazendo almoço. Você deve estar com fome, não é?

Ele pensou por um momento.

— Na verdade não. — ele diz. — Eu comi algumas coisas enquanto esperava o trem na cidade vizinha.

Ela acena, se voltando novamente para a panela a sua frente.

— Bem, quando estiver com fome, a comida estará pronta então. — ela diz rindo baixo novamente.

Um estalo surge na mente de Andrew, e ele sabia exatamente o que faria agora.

— Vou dar uma volta pela cidade, mãe. Voltarei logo. — ele diz, se dirigindo até a porta.

Vendo que ela acenou como resposta, ele abriu a porta e saiu, se dirigindo ao portão da frente. Passou e trancou, já tomando rumo para onde ele mais queria ir no momento.

Ele foi direto para a entrada do bosque. Por sorte, o sol penetrava por entre as folhas das árvores e iluminava bem o caminho. Ele se sentia ansioso por apenas olhar para o caminho por entre as árvores. Era mágico.

Ele começou a trilhar o bosque, seguindo a via de barro que levava para o fundo do bosque. Ouvia o farfalhar das folhas ao seu redor, o canto dos animais locais. Ele se sentia nostálgico fazendo aquilo. Já faziam anos que não fazia esse caminho.

Em certo ponto da trilha, ele muda de rota, se esforçando para lembrar se aquele era mesmo o caminho certo. Ele continuou seguindo o caminho quase invisível em meio a mata. Era especial. Só ele e vovó sabiam daquele caminho. Em sua vida, aquele era o seu esconderijo dos problemas da vida.

Ao andar o suficiente, ele finalmente sai da mata fechada, chegando até a beira de um lago de águas cristalinas. Seu coração acelerou quase instantaneamente com a visão. Era ali o seu refúgio, seu ponto seguro.

Ele analisou rapidamente o ambiente, tudo estava exatamente como dá última vez: A rede verde escura pendurada entre duas árvores, o tronco de árvore caído que usavam como banco, a marca que fizera na árvore. Tudo estava lá, com exceção do mais importante.

Ele sempre ia lá quando precisava espairecer. E a única pessoa que sabia daquele lugar era sua amada avó. Na verdade, fora ela que o levara lá pela primeira vez. Toda vez que ele sumia, ela ia direto para lá, já sabendo que o encontraria olhando para o lago.

Andrew se sentou no tronco caído, absorvendo mais as memórias daquele lugar.

Ele lembrava bem do espírito infantil que sua avó exalava, era definitivamente sua coisa favorita sobre ela. Se lembra do quanto gostava de tê-la por perto, e de estar com ela em seu lugar secreto. Era algo especial entre eles.

Andrew se levantou do tronco, indo em direção ao lago e se sentando no chão, apreciando a linda vista.

Ele conseguia sentir a presença de sua avó, sentado em seu lado. Era inexplicável, mas era exatamente o que sentia.

— Ela vinha aqui todo dia desde que você se mudou — a voz tira Andrew de seu êxtase, que se vira rapidamente para descobrir a origem da voz. Era sua mãe.

— Ela dizia algo sobre ser o "lugar de conforto" dela ou algo do tipo. Eu nunca entendi o que ela queria dizer. — continuou a mulher, ficando ao lado de Andrew, em pé.

— Ela ficava por aqui? — ele ficou surpreso.

— Sim — ela respondeu sem olhar para ele. — ela vinha para cá para ver o pôr do sol e ficava um pouco mais.

Ele olhou para o lago, sua mente envolta de pensamentos.

— Só quando ela se foi que eu descobri o que ela tanto fazia por aqui. — ela riu baixo.

Ela deu um passo para trás, se virando para uma árvore marcada com um desenho no tronco.

— Ela sempre deixava aqui seu diário — revelou ela, se abaixando para pegar o livro velho que sempre ficava por ali.

Ele desviou o olhar do lago para sua mãe, especificamente para o diário em sua mão.

— O último desejo dela foi que eu te entregasse ele — ela diz, sua voz embargada com a vontade de chorar.

Ele se levanta, e pega gentilmente o diário de suas mãos, se sentando no tronco caído enquanto analisava a capa de couro. Estava escrito "Diário" em dourado.

Relutante, ele abriu o livro, folheando as páginas. Ele podia ver os sentimentos de sua avó, e o amor que ela nutria por ele, era nítido.

As folhas rapidamente foram molhadas por suas lágrimas enquanto ele continuava a ler. Sua mãe o observava a distância, prestando atenção na rápida mudança de sentimentos do rapaz.

Demorou um pouco para que ele pudesse se recompor e retornar para casa. Ele passou o resto do dia lendo as várias páginas cheias dos mais profundos sentimentos de sua avó. Os próximos dias foram a mesma coisa para ele, e ele gostava principalmente de ler em seu "lugar de repouso". Ele não tinha mais remorsos quanto a ida de sua pessoa favorita.

Quanto mais lia o diário, mais ele a sentia no ambiente. Podia ser do clima agradável ou simplesmente algo qualquer. Ele deixou de se importar com o tempo.

